

EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NO CONTEXTO DO PÓS PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

José Átila Abreu de Sousa ¹
Maria Eduarda Oliveira de Lima ²
Emanuelton Antony Noberto de Queiroz ³
Alexsandra Maria Vieira Muniz ⁴

RESUMO

O artigo versa sobre o contexto pós pandemia de coronavírus que impôs a necessidade de inovar no ato de ensinar, aprender e fazer extensão, novamente nos deparamos com os desafios da volta ao presencial, do confronto direto com as consequências do período pandêmico para a aprendizagem dos discentes e da readaptação de professores e alunos às dinâmicas de aulas, espaço escolar e o carecimento de novas metodologias de ensino aprendizagem, sobretudo nas ações de extensão pois essa, imersa no ambiente escolar, também compartilha desses desafios. Diante disso, faz-se necessário pensar as novas problemáticas e traçar possibilidades nas experiências de retorno ao novo normal. Neste trabalho, vamos discutir sobre atuação da extensão universitária nesse período de retorno, trazendo relatos de experiências das ações do projeto Trajetórias Urbano Industriais e a Geografia Escolar, o qual, por meio do uso de metodologias ativas, levantamento bibliográfico, elaboração de recursos didáticos e estudo do meio, realizou intervenções junto à educação básica, buscando superar os desafios desse novo contexto, alcançando bons resultados na difusão dos conhecimentos atinentes a geografia urbana e industrial e na percepção e análise das condições evidenciadas por docentes e discentes na retomada das atividades presenciais, tendo como recorte espacial dessa pesquisa a Região Metropolitana de Fortaleza. Conclui-se que a extensão acadêmica corrobora com a prática docente e o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Extensão Acadêmica, Educação básica, Ensino-aprendizagem, Retorno presencial, Experiências e desafios.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID 19 tem provocado mudanças substanciais nos mais variados setores da sociedade. Dentre os segmentos mais impactados, tanto pela rápida difusão da doença quanto pelas medidas restritivas para sua mitigação, podemos citar o sistema educacional, englobando desde o ensino infantil ao superior. “A atividade educacional é inegavelmente uma das áreas mais atingidas, limitada pelo isolamento físico domiciliar, com impacto direto e

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, atilasousa@alu.ufc.br;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, mariaeduardaodl@alu.ufc.br;

³ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC e Professor da Rede Básica Municipal de Ensino de Fortaleza, emanuelton@alu.ufc.br;

⁴ Profa. Adjunta do departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, geoalexandraufc@gmail.com;

crucial na vida das famílias, das escolas públicas e privadas, nos processos de aprendizagem e na docência” (SANTANA FILHO, 2020, p. 4).

Em meio a esse cenário anômalo, redes de ensino, gestores e profissionais docentes de diferentes níveis da educação, se viram na condição de pensar, propor, adaptar e desenvolver estratégias, metodologias e formações que permitissem a continuidade, com maior ou menor êxito, diante de inúmeros revezes, as atividades de cumprimento do ano letivo. Consoante ao que afirmam Porto e Pereira (2020, p. 285), é observada “a defesa pela manutenção do currículo escolar para evitar que estudantes ‘perdessem o ano”.

Conforme apontam Sousa e Muniz (2021), “essa situação desencadeou a demanda por formas alternativas para a continuidade dos processos de ensino-aprendizagem”, notadamente o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). O uso das TDIC para produzir materiais didáticos e ministrar aulas evidencia mudanças no desenvolvimento de novas abordagens pedagógicas (SOUSA, CAVALCANTI, 2019, p. 8).

O primeiro momento de mudanças e desafios foi a adesão ao modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Em 2020, com base em Queiroz, Lima, Sousa e Muniz (2022), seguindo orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o combate ao coronavírus, a Secretaria Municipal de Fortaleza (SME) implanta o Ensino Remoto, apoiada na Portaria n° 188/GM/MS, de 04 de fevereiro de 2020 do Ministério da Saúde⁵, no Decreto Estadual N°33.510, de 16 de março de 2020 e no Decreto Municipal N° 14.611, de 17 de março de 2020. Conforme classifica Behar (2020, s.p)

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR, 2020, s.p).

Após esse período, de março de 2020 até setembro de 2021, chegamos ao segundo momento de mudanças e desafios: o retorno ao presencial, salvo algumas exceções pontuais de escolas da rede municipal de Fortaleza que estavam em processo de requalificação estrutural, permanecendo, nestes casos, o ensino remoto.

Na rede de ensino de Fortaleza, o retorno foi gradual, no chamado ensino híbrido, no qual metade dos alunos frequentavam a escola e o restante permanecia em casa, alternando os grupos com o passar das semanas.

⁵ Resolução do Ministério da Saúde que dispõe sobre a adoção no âmbito da Administração Pública direta e indireta, de medidas temporárias e emergenciais para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus (COVID-19).

Convém ressaltar que, semelhante ao momento inicial do isolamento social e a adaptação ao ERE, professores e alunos não estavam totalmente preparados para o retorno presencial. As atividades presenciais nas escolas com a capacidade total de alunos são retomadas em fevereiro de 2022.

Assim, após quase dois anos de ensino remoto, com planejamentos e práticas de ensino condicionadas à ambientes virtuais, síncronos e assíncronos, novamente, os atores do sistema educacional encontram-se defronte a novos desafios. O novo normal, com o retorno total de alunos às escolas, trouxe consigo novas dinâmicas em sala de aula, dificuldade de concentração e convívio por parte dos discentes, questões atinentes à sociabilidade e o déficit na aprendizagem provocado pela temporada de afastamento do espaço físico escolar.

Nesse sentido, preocupando-se com os principais desafios enfrentados por professores e alunos no retorno presencial, se faz importante observar e, especialmente, ouvir esses agentes do espaço escolar, de forma que seja possível pensar maneiras/práticas futuras que ajudem a mitigar e, eventualmente, superar, os problemas desse novo momento de adaptação.

Outrossim, o projeto de extensão Trajetórias Urbano-Industriais e a Geografia Escolar, durante suas atividades iniciais em escolas do ensino básico, buscou através dos bolsistas que o integram conversar com alunos sobre sua percepção acerca do comportamento, aprendizagem, readaptação ao ambiente escolar e demais dificuldades enfrentadas nesse momento.

As atividades foram realizadas por meio de intervenções na Escola Municipal de Tempo Integral Professor Álvaro Costa (EMTIPAC), localizada em Fortaleza, no bairro Cais do Porto. Participaram do momento as turmas de 8º Ano B (21 alunos) e 9º Ano A (31 alunos), B (26 alunos) e C (32 alunos), ao todo 110 alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, de turno integral. Na prática, a motivação principal era apresentar a proposta do projeto, o desenvolvimento industrial e urbano do Ceará e da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), assim como, compreender como está acontecendo o primeiro semestre de atividades escolares totalmente presenciais, por meio da experiência da rotina escolar, da aplicação de entrevistas e do diálogo com os discentes e docentes da instituição.

Atentos aos novos desafios e buscando formas de pensar, debater e, possivelmente, apontar viáveis soluções às demandas levantadas por professores e alunos da educação básica no recorte espacial da RMF, o presente artigo suscita o diálogo em torno das questões: De que forma o ensino remoto afetou o comportamento dos alunos na escola? Houve déficit na



aprendizagem provocado pelo tempo de afastamento ao espaço físico escolar? Quais os principais desafios nesse momento de retorno?

Ademais, objetiva-se socializar as descobertas feitas durante a observação junto aos alunos durante a aula proposta pela equipe do projeto de extensão, bem como, vislumbrar as respostas aos questionamentos supracitados a partir das entrevistas realizadas com as turmas participantes.

Este trabalho se justifica mediante a importância da socialização de práticas potencializadoras do processo de ensino e aprendizagem em Geografia e de projetos de extensão como o Trajetórias, que oportunizam articulação das bases teóricas de formação e a atividade prática, uma vez que ambos, teoria e prática, se apoiam e se fortalecem. Ademais, tamanha oportunidade, propiciada pela atividade extensionista no chão da escola, espaço físico adaptado ao contexto do ensino remoto e, novamente, ao ensino presencial, implica também na adaptação do projeto, que tenta se manter sempre acessível e atualizado para o público que envolve.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, de caráter qualitativo, tendo por base a atuação do projeto de extensão Trajetórias, do curso de Geografia da UFC. O objetivo do projeto, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão (PREX) da Universidade Federal do Ceará (UFC), é analisar as consequências socioespaciais da atividade industrial no espaço metropolitano de Fortaleza e a difusão deste conhecimento no espaço acadêmico, escolar e sociedade fortalezense.

Tendo em suas ações a articulação dos três âmbitos da formação acadêmica (ensino, pesquisa e extensão), destaca-se as parcerias estabelecidas entre o projeto e os demais alunos e professores do Departamento de Geografia, alunos da graduação e pós-graduação, bem como professores e alunos da Educação Básica, importantes atores durante as ações extensionistas e a consolidação da aproximação da universidade com a escola básica.

É válido ressaltar o emprego da metodologia do estudo do meio através da intervenção na escola com o projeto de extensão, possibilitado pelo uso de fotografias e mapas temáticos da cidade de Fortaleza. A RMF, quando se insere no contexto de relações e transformações globais, passa por uma refuncionalização do seu espaço (MUNIZ, 2015, p. 64). Enfatiza-se, portanto, o uso de múltiplas estratégias metodológicas na abordagem dos temas ligados aos estudos urbanos e industriais. O paralelo entre resgate histórico da industrialização, urbanização fortalezense e as condições atuais desses espaços na capital, é pertinente por representar um

incentivo ao maior conhecimento da história e geografia da cidade pelos educandos despertando o sentimento de pertencimento e identidade com a cidade.

De forma sistemática, o caminho metodológico adotado no desenvolvimento do presente artigo organizou-se da seguinte maneira:

- a) Levantamento bibliográfico e documental para a elaboração do material utilizado durante as intervenções nas escolas;
- b) Elaboração de material didático-pedagógico, com base na necessidade de emprego de recursos diferenciados na construção de conhecimentos atinentes aos conteúdos abordados;
- c) Realização das intervenções na escola de educação básica da RMF notadamente com alunos do Fundamental Anos Finais;
- d) Aplicação de entrevistas semi-estruturadas junto às turmas participantes receptoras das intervenções, a fim de entender as principais dificuldades do retorno presencial à escola;
- e) Sistematização das informações colhidas e análise das falas de professores e alunos, em resposta às entrevistas, para, por fim, construção de artigo para socializar as descobertas.

O percurso metodológico inicia com o levantamento bibliográfico e documental para preparação e planejamento das aulas. Entre os autores estudados estão aqueles que se voltam para a temática de estudo do projeto e para a compreensão do contexto de retorno presencial das escolas, como Muniz (2015, 2019) Cavalcanti (2008), Firkowski e Sposito (2008), Santos (1996), Muniz (2015, 2019), Bueno (2001), Santana e Sales (2020).

Em etapas seguintes, foi produzido material didático-pedagógico, bem como a realização de intervenções. Optamos pelo emprego do jogo didático no formato digital reproduzido através de slides, dotados de fotografias de antigos espaços urbanos-industriais e atuais espaços refuncionalizados. O jogo consiste em uma análise por meio de fotos de antigos edifícios industriais e fabris, que ao longo do tempo foram reutilizados mediante reformas e modernizações para outros fins, podendo ser eles comerciais, ligados ao lazer, dentre outros usos.

Por fim, para avaliação qualitativa da intervenção e, especialmente, visando entender a percepção dos agentes do espaço escolar sobre o retorno presencial, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A entrevista não foi aplicada individualmente com os alunos, mas sim com questionamentos gerais a toda a turma. O motivo dessa abordagem foi fazer com que os alunos ouvissem as respostas dos colegas e pudessem complementar ou apresentar opiniões contrárias, interagindo entre si. As perguntas giraram em torno do acompanhamento e revisão do conteúdo,



a rotina de aulas, se está cansativa ou não, saúde mental e socialização, buscando responder os questionamentos levantados por essa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adentrar o espaço da escola e vivenciar um pouco da rotina escolar, o projeto trajetórias se insere no contexto de participação e observação do andamento do primeiro semestre de retorno presencial, levantando questionamentos a respeito das principais adversidades encontradas por alunos e professores.

As intervenções se deram em aulas de 100 minutos, divididas em dois momentos: o inicial de apresentação do projeto e fala sobre industrialização cearense, interagindo com os alunos, envolvendo-os na explanação, instigando a participação por meio de perguntas e exemplos. De forma geral, as turmas foram participativas, principalmente no momento da aplicação do jogo de perguntas e respostas sobre o antes e depois de antigos fixos industriais de Fortaleza. Usamos inicialmente o exemplo da escola, cujo prédio era a Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM), refuncionalizado em 1992.

Em todas as turmas, a grande maioria dos discentes conseguiram acompanhar e responder aos questionamentos, o que sinaliza a atenção dada ao momento e o envolvimento na apresentação.

Merece destaque o momento da aplicação do jogo sobre locais refuncionalizados, por se tratar de um recurso dotado de imagens, com conotação de desafio, sendo uma forma diferente de abordar o conteúdo. Os alunos ficaram ainda mais envolvidos na aula, notório foi o aumento da empolgação conforme a dinâmica se desenrolava. Observou-se o engajamento da turma em fazer comentários, observações e tentativas de resposta. Quando informavam suas respostas, perguntamos o motivo de sua escolha, entre suas justificativas estavam a similaridade entre estruturas arquitetônicas, o tamanho do terreno e o espaço nos arredores da paisagem, mostrando que estavam atentos às imagens. Esse é o quadro geral, que considera a maioria dos alunos, entretanto, houveram alunos que não fundamentaram suas escolhas, sem justificativa aparente, necessitando ser estimulados pelos bolsistas e/ou pelo professor para formularem uma resposta mais consistente.

Além disso, pontuamos o senso de competição saudável entre os alunos, de modo que estes defendiam veementemente suas respostas, vibravam ou lamentavam com acertos e erros durante a participação no jogo. Interpretamos o momento como positivo, visto a participação positiva das quatro turmas. O jogo trouxe uma dinâmica que exigia envolvimento dos alunos,

que construíram no momento. A experiência reforça a importância de práticas dinâmicas na Geografia Escolar.

Dessa forma, já se percebe a importância do planejamento e da utilização de múltiplas fontes e metodologias ao se trabalhar com o Ensino de Geografia das Indústrias, pois somente com a ultrapassagem de uma Geografia enfadonha e meramente descritiva é que o aluno sentir-se-á sujeito ativo em seu processo de aprendizagem (MUNIZ, SILVA, CABRAL, 2020, p. 04)

O projeto, em sua atuação, utiliza a metodologia do estudo do meio, prática que se justifica, conforme afirmam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 174): “ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve”. Desse modo,

[...] o estudo do meio não é apenas uma complementação àquilo visto em sala de aula, mas ele por si mesmo é uma fonte de informação e discussão imprescindível no Ensino de Geografia para a construção do conhecimento geográfico. Ele não se esgota no trabalho de campo, mas tem nessa etapa uma das principais formas de colocar o aluno como sujeito do seu processo de aprendizagem, pois ao sair dos muros da escola, o aluno já desenvolve um outro modo de olhar “geográfico” (MUNIZ, SILVA, CABRAL, 2020, p. 13).

Muitos dos lugares apresentados no jogo, se tornaram shoppings, outros se tornaram pontos de comércio popular e casas de eventos. Boa parte dos alunos conhecia a maioria desses locais e os frequentavam com certa periodicidade, aqueles que não os conhecem pessoalmente, já tinham ouvido falar, estudado em trabalhos da disciplina propostos pelo docente ou pelo menos passado em frente. O estudo do meio possibilita uma aproximação do aluno com o tema estudado, tornando o conteúdo mais significativo e a Geografia passível de ser discutida a partir da vivência dos estudantes. Além disso, ainda é possível despertar ou reforçar o sentimento de pertencimento, identidade, valorização e interesse por aquilo que se está sendo ensinado.

Passado o momento de explicação e jogo, engajamos em conversa com as turmas, tendo como roteiro semiestruturado perguntas como: De que forma o período remoto afetou o comportamento dos alunos na escola? Houve déficit na aprendizagem provocado pela temporada de afastamento do espaço físico escolar? Quais os principais desafios nesse momento de retorno?

Com o retorno das atividades, a readequação necessária forçou uma rotina diferenciada para todos os agentes do espaço educativo.

Certamente, essa nova rotina na escola causou estranhamento, necessitando um período de readaptação, de afastamento dos pais e de um planejamento estratégico elaborado em conjunto nas instituições educacionais que considerasse especialmente as perdas de aprendizagens das crianças que tiveram um acesso precário ou inexistente durante o ensino remoto. (FERREIRA, MICHEL, NOGUEIRA, 2022, p. 120)

O retorno presencial e o planejamento para tal por parte dos órgãos públicos responsáveis, ainda carece de infraestrutura e providências quanto às questões sanitárias, recepção e relação com os alunos. Procuramos observar o comportamento dos alunos, ouvi-los e conversar com o docente de Geografia, coletando suas considerações acerca de aspectos diversos do momento vivido.

No que diz respeito ao conteúdo, a maior parte dos alunos alegou dificuldade em acompanhar algumas disciplinas. A turma do 8º Ano B informou que isso se dava pelo pouco aprendizado durante o período de ensino remoto, sendo necessário que os professores revisem alguns assuntos. Na turma de 9º Ano A, chama a atenção que a grande maioria dos alunos não considera necessário revisar muitos conteúdos vistos durante o ERE, apenas em algumas disciplinas, citam matemática e ciências.

Outra grande diferença entre os modelos remoto e presencial, dessa vez citada por uma aluna do 9º Ano A, é que, em sala de aula, o professor interage com os alunos de forma mais direta e pode chamar atenção, enquanto no remoto, os alunos, citando seu próprio exemplo, podiam apenas silenciar a aula e não prestar atenção.

Perguntamos também que tipos de metodologias e dinâmicas as turmas gostariam que fossem aplicadas em sala, os do 8º Ano A citaram aulas de campo, utilização de filme, jogos pedagógicos e vídeos.

A maioria dos alunos é contrária ao retorno do modelo remoto. Boa parte dos alunos da turma de 9º Ano A prefere estar no ambiente escolar, pois acreditam que é possível aprender melhor e podem interagir entre si e com o professor. Apesar de parte considerável admitir que o acompanhamento no ensino remoto é difícil, na turma de 9º Ano C um maior número de alunos, em comparação com outras turmas, prefere o ensino remoto e estariam dispostos a adotá-lo novamente, justificando com o fato de ser possível ficar em casa.

Suas respostas podem levantar alguns debates acerca do espaço escolar, influencia no aprendizado e formação de jovens. Se entendermos que a escola, como ambiente de convivência que favorece o exercício da cidadania, possui mecanismos que permitem e incentivam ou inibem e restringem as formas de participação dos membros da comunidade escolar (BUENO, 2001, p. 5), foi de suma importância verificar a percepção dos agentes desse espaço.

Com relação ao alunado, a escola como espaço de convivência social, se torna um centro de referência pessoal que marca os sujeitos que por ali passam, pelo simples fato de estar nessa e não em qualquer outra, fruto de traços que a identificam, a tornam única: as oportunidades de convívio, as atividades das quais participam, as formas pelas quais “vivem” o cotidiano escolar. (BUENO, 2001, p. 6)



Os comentários dos alunos, assim como o que conseguimos observar e interpretar em sala, representam uma pequena parcela da realidade enfrentada no sistema de ensino atual, vistos os prejuízos acarretados pela pandemia ao setor educacional. O quadro indica um contexto em que melhorias podem ser feitas no intuito de mitigar as dificuldades dos alunos, assim como tornar o ambiente escolar mais atrativo para os seus integrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, a capacidade de sermos resilientes e de nos reinventarmos vem sendo colocada à prova. A cada etapa que passamos e a cada novo cenário de mudanças em nossas vidas cotidianas e nos ambientes de educação, formação e ensino-aprendizagem, foram surgindo novos desafios e demandas. Da normalidade ao ensino remoto emergencial, do ERE ao modelo híbrido e finalmente a volta à normalidade, se é que é possível retornar ao “normal” após tamanhas transformações acarretadas pela pandemia.

Concomitantemente, através de trabalhos e ações que não se detiveram frente aos muitos revezes, surgiram também possibilidades, iniciativa de resposta e enfrentamento, graças aos esforços de pesquisadores, professores, médicos, estudantes, cientistas, gestores, governos, voluntários, entre muitos outros que buscaram contribuir e fazer a diferença em tempos de incertezas e dificuldades.

Diante do mais novo cenário de mudanças, desafios e readaptações que é o retorno ao presencial, o esforço de experienciar, intervir, investigar e dar voz aos agentes constituintes do espaço escolar leva o projeto Trajetórias às escolas da RMF, em busca de dialogar, contribuir e elucidar as principais problemáticas enfrentadas por docentes e discentes nesse retorno à escola e ao cotidiano escolar em sua totalidade. Ao mesmo tempo, é possível organizar e difundir conhecimentos atinentes à Geografia urbana e industrial, ao passo que fortalece o laço entre educação superior e básica, numa relação de construção do conhecimento.

As discussões e resultados aqui apresentados, são atinentes ao retorno em uma escola da rede pública municipal de Fortaleza e não tem como intuito encerrar as discussões acerca do tema. O quadro pandêmico marcou fortemente os tempos atuais, representando uma ruptura temporal, que divide a vida escolar de muitos alunos entre pré e pós pandemia. As discussões que se voltavam para transformar o ambiente escolar em um espaços mais atrativo já estavam acontecendo, mas, frente ao que fora apresentado, acreditamos que essas se tornam ainda mais pertinentes.



Cabe ressaltar que as considerações ora levantadas não resultam somente de nossa percepção como pesquisadores, mas são frutos de um conjunto de atores e condições, dentre eles damos maior ênfase às contribuições de professores e sobretudo dos alunos, somado a breve, porém, significativa imersão no ambiente e na rotina escolar da EMTIPAC.

Constatou-se que boa parte da comunidade escolar, de certo modo, se adaptou ao modelo remoto, logo, agir no sentido de contornar e superar essas dificuldades encontradas no retorno é urgente, para recuperar o que fora perdido nos dois últimos anos. Sendo necessário, portanto, com base nas entrevistas realizadas: pensar a distribuição da carga horária na escola de modo a possibilitar uma gradual re-habitação dos alunos à rotina de permanência na escola. Para tanto, propomos a inclusão na grade de horários aulas dedicadas a resolução de atividades e a estudos livres, dada a queixa da elevada demanda de exercícios propostos e a falta de tempo para colocar em ordem os assuntos trabalhados durante a semana.

Na infraestrutura escolar, tomando como exemplo o visto na EMTIPAC, visando minimizar o desgaste e cansaço por parte de alunos e professores, sobretudo em escolas de tempo integral, deve-se pensar uma área de descanso apropriada para alunos. Para os professores, evidencia-se a mesma demanda, haja vista o observado na sala dos professores, onde os mesmos dispunham somente de sofás, nos quais deitavam-se apoiados os pés em cadeiras.

No tocante à dificuldade de acompanhamento dos conteúdos, surge a possibilidade de se pensar um possível programa de nivelamento (com duração específica), com propostas de revisão de assuntos vistos na pandemia, associados aos temas que estão sendo introduzidos. Assim, é possível diagnosticar as dificuldades e superá-las sem deixar de seguir o calendário letivo. O nivelamento pode ser por adesão das turmas ou pode ser por recomendação do professor ou núcleo gestor, caso seja notada a necessidade, haja vista, a existência de turmas que afirmaram não necessitar de revisão de assuntos.

Ademais, na volta ao presencial, observa-se, com base nas demandas dos próprios discentes, uma necessidade maior de diversificação das linguagens utilizadas para a comunicação do conteúdo, a qual é sugerido englobar os gêneros textuais, o cinema e o audiovisual, a cartografia, jogos pedagógicos e a aulas de campo.

Constata-se que a esmagadora maioria dos alunos é contrária a uma eventual volta ao remoto, afirmando que mesmo com o cansaço, a falta de costume e a infraestrutura escolar que se encontra deficitária, preferem o ambiente escolar, de melhor aprendizado, maior sociabilidade entre eles e a melhor relação professor-aluno que esse ambiente propicia.



Carece que gestores e educadores atentem às demandas dos alunos, a fim de tornar cada vez mais agradável e desejável o período no espaço escolar. Esse trabalho visa que demais escolas, alunos, pais, professores e sociedade como um todo possam conhecer a realidade da rotina escolar no pequeno recorte da EMTIPAC, para que possam também pensar e cobrar melhorias estruturais, de segurança, de sociabilidade e de ensino e aprendizagem, necessárias à educação básica.

No que diz respeito às ações extensionistas, ao passo que tem a intenção de alcançar espaços para além da universidade, realizando ações em parceria com a rede básica de ensino, podem fornecer suporte às escolas. No tocante à pesquisa realizada, tornam-se claras as contribuições da extensão acadêmica no levantamento de informações e proposições para mitigar e solucionar problemáticas no espaço escolar no qual atua.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patrícia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a--distancia/>. Acesso em 21 jan. 2021.

BUENO, José Geraldo Silveira. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. **Educar em Revista**, p. 101-110, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

FERREIRA, C. R. G. .; MICHEL, C. B. .; NOGUEIRA, G. M. . O “novo normal” no cotidiano das escolas: desafios para alfabetização na perspectiva de duas professoras. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 112 - 139, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/22025>. Acesso em: 19 jun. 2022.

FIRKOWSKI, O. L. C. de F.; SPOSITO, E. S. (org.). Indústria, ordenamento e território: a contribuição de André Fischer. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FORTALEZA. Prefeitura de Fortaleza divulga plano de retorno às aulas presenciais. **Prefeitura de Fortaleza**. 3, set, 2021. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-divulga-plano-de-retorno-as-aulas-presenciais>. Acesso em: 25 maio 2022

_____. Rede Municipal de Ensino inicia ano letivo com 100% dos alunos na modalidade presencial. **Prefeitura de Fortaleza**. 31, jan, 2022. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/rede-municipal-de-ensino-inicia-ano-letivo-com-100-dos-alunos-na-modalidade-presencial>. Acesso em: 15 jun 2022

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.



MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. PRODUÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO DE FORTALEZA E A DINÂMICA INDUSTRIAL. Mercator (Fortaleza), Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 61-74, Dec. 2015. Disponível em:

http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-22012015000300061&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jun 2022.
<https://doi.org/10.4215/RM2015.1403.0004>.

MUNIZ, Alessandra Maria Vieira, CABRAL, João Marcos Tavares, SAMAPAI, Patrícia Marques. Trajetórias Urbano-Industriais e a Geografia Escolar: Pensando o Ensino de Geografia das Indústrias no Espaço Metropolitano de Fortaleza, Ceará. VI CONEDU - Vol 1... Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 3860-3876.

PORTO, Roberta Mendonça; PEREIRA, Jessica Coelho de Lima. A Pandemia Do Coronavírus e os Efeitos Na Educação: Reflexões Em Curso. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, p. 279-300, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/50615/35504>. Acesso em: 09 Jun. 2022.

QUEIROZ, Emanuelton Antony Noberto de; LIMA, Maria Eduarda Oliveira de; SOUSA, Álida Santos de; MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. FANZINES GEOGRÁFICOS NO ENSINO REMOTO DA ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL PROFESSOR ÁLVARO COSTA – EMTIPAC. **Escola em Tempos de Conexões - Volume 02**, [S.L.], p. 1321-1340, 2022. Editora Realize. <http://dx.doi.org/10.46943/vii.conedu.2021.02.069>.

SANTANA, Camila Lima et al. Aula Em Casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. Interfaces Científicas-Educação, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 08 Jun. 2022.

SANTANA FILHO, Manuel Monteiro de. EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, DOCÊNCIA E O CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19. Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 3-15, maio 2020.

SOUSA, José Átila A. de. MUNIZ, Alessandra Maria V. Muniz. ENSINO REMOTO E AS TRAJETÓRIAS URBANO INDUSTRIAIS: DESAFIOS E SUPERAÇÕES NA EXTENSÃO ACADÊMICA. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021.

SOUSA, Romilda Loiola; CAVALCANTI, Laisa Laremborg Alves. Uso das tdc no ensino remoto, de uma escola do campo, em floriano-pi. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021.